

SUZANNE REDFEARN

Autora bestseller internacional

O Preço da Fama

Todos desejam a fama.
Poucos conhecem
as suas vítimas.

TOP
SEL
LER

Para Joe

«A fama é uma droga perigosa e deve estar
fora do alcance das crianças.»

— PAUL PETERSEN, ATOR DESDE OS 10 ANOS.

CAPÍTULO 1



Eu e Molly estamos sentadas à porta do gabinete da diretora da escola, os meus olhos fixos nas minhas mãos pousadas no colo, como uma culpada que espera pelo veredito. As pernas rechonchudas de Molly saem para fora do assento de plástico, as *Crocs* cor-de-rosa para cima e para baixo ao ritmo da turma que canta no auditório ao lado do gabinete.

A borracha das solas já está curta para os pés dela, os calcanhares saem quase um centímetro para fora. Precisa de sapatos novos. *Porque é que não lhe comprei sapatos novos?* Subitamente envergonhada, quero que ela pare de balouçar as pernas, que chamam a atenção para as provas do meu fracasso maternal. Os meus olhos dardejам para a secretária da escola. Felizmente, está ao computador, alheia aos sapatos demasiado pequenos de Molly e à minha incompetência parental.

A porta do outro lado da sala abre-se e Tom aparece, os olhos no chão conforme arrasta os pés para a frente, envergonhado. A terapeuta da escola sai logo atrás, de cara empertigada. Foi ela quem me ligou há uma hora para dizer que o Tom tinha desaparecido depois do almoço, o que provocou o encerramento do recinto inteiro. Meia hora mais tarde, deram com ele numa sala de aula vazia, sentado no chão a ler, completamente alheado da agitação que tinha causado.

Puxo Tom para mim e ele esconde a cara na minha anca. Aliso-lhe o cabelo cor de mel, abro a boca para arranjar desculpas, mas a terapeuta já virou costas, caminhando em direção à sua porta.

Levanto a cara de Tom para olhar para mim, os olhos azuis tão contritos que até me dói o coração.

— Gato traquina — digo eu, o nosso código secreto para a ansiedade que se lhe enrosca nas cordas vocais como uma serpente, sempre que é confrontado com uma situação nova ou difícil, uma expressão derivada do ditado *O gato comeu-te a língua?*

Ele anui com a cabeça e encosta a cara às minhas calças de ganga, o desejo de desaparecer tão palpável que eu só queria ser mágica para o concretizar, teletransportá-lo para o sofá de nossa casa e pôr-lhe uma caneca de chocolate quente nas mãos.

A ansiedade social de que Tom sofre chama-se mutismo seletivo, um rótulo insípido a sugerir que ele prefere estar em silêncio. Coisa ridícula. Não há criança de oito anos que prefira ser anormal para ser gozado pelos outros miúdos, um marginal incapaz de dar voz às suas opiniões ou de se defender quando lhe chamam estúpido, maluco ou medicas. Tom não é nada disso, e de certeza que não prefere ficar em silêncio para pensarem nele dessa forma. Deveria chamar-se algo mais como, por exemplo, abandono verbal, a voz some-se-lhe literalmente assim que sai da nossa carrinha, como se lhe tivessem arrancado a língua da garganta, a capacidade de falar roubada e, por mais desesperadamente que ele queira, fica súbita e inexplicavelmente mudo.

— Senhora Martin?

Viro-me para ver a secretária da escola ao nosso lado.

— A Dra. Keller vai recebê-la agora.

— Tom, leva a Molly e esperem por mim na carrinha — digo, dando-lhe um beijo na cabeça e a chave.

Como um prisioneiro libertado de uma paliçada, sinto-lhe o suspiro de alívio quando leva Molly pela mão rumo à liberdade.

— Eu é que escolho a música — diz Molly, imune à preocupação que a rodeia.

Vou atrás da secretária até ao gabinete da diretora e fico admirada ao ver que já lá está outra mulher, sentada numa das duas cadeiras diante da secretária da Dra. Keller.

A mulher levanta-se, e tenho de esticar o pescoço para a cumprimentar. Alta como um homem e magra como Gandhi, a altura fica

exagerada pelos saltos de 5 centímetros, nuns sapatos que combinam perfeitamente com o saia-casaco azul-marinho, e fico espantada por se aguentar de pé naquelas pernas esqueléticas.

Dou-lhe um aperto de mão fraco, sinto-me baixa e desleixada de t-shirt, calças de ganga e ténis *Converse*.

— Elizabeth Glenn — diz ela, como se isso explicasse a sua presença.

Olho para a Dra. Keller, confusa.

— A Sra. Glenn é da Assistência à Criança e Família — explica a diretora.

O coração bate-me no peito e salta-me para a garganta, onde fica entre as amígdalas, e é-me impossível reagir.

— Chamei-a aqui porque estamos preocupadas com o Tom.

— Onde está o Tom? — interrompe a Sra. Glenn, a olhar à minha volta como se eu o pudesse esconder.

— Mandei-o esperar no carro — consigo responder. — Com a minha filha.

— A sua filha mais velha?

— Não, a minha mais nova.

A Sra. Glenn abre a pasta que tem na mão e lê na diagonal.

— A sua filha Molly?

Anuo com um meneio de cabeça.

— A sua filha de quatro anos?

Torno a mexer a cabeça, e a mulher esbugalha os olhos.

— Mandou o seu filho de oito anos com a sua filha de quatro anos esperarem no carro sozinhos?

Sinto a cara a arder, e o bater do coração aumenta até fazer ricochete como bala de canhão aos meus ouvidos.

A Dra. Keller levanta-se atrás da secretária e passa por mim.

— Candice, faça o favor de ir ao parque de estacionamento e traga o Tom e a irmã para dentro do gabinete. Depois fique de olho neles até terminarmos, se faz favor.

Quero defender-me. A carrinha está estacionada à porta, no lugar ao lado do passeio. As janelas estão abertas. A escola não é um sítio perigoso. Tom e Molly ficarão mais confortáveis na carrinha a ouvir

rádio do que sentados no gabinete sem fazer nada, Tom a olhar para a porta ciente de que estamos a falar dele. Os problemas dele decorrem de ansiedade social associada à escola, e tem fobia de que concentrem atenções nele. Eu estava a ser *boa* mãe.

Claro que não digo nada disto. Os pensamentos ficam na cabeça, como acontece à maioria deles, quando os enterro atrás do arrependimento por não falar quando deveria. Não é difícil saber as raízes da timidez de Tom. Embora eu não tenha nenhum distúrbio de ansiedade, de certeza que sinto ansiedade. À menor provocação, a língua fica-me entaramelada e, ao primeiro sinal de conflito, o cérebro deixa-me de funcionar. Neste momento, estou a sofrer um ataque agudo das duas afeções, o orgulho bem enterrado pela cobardia.

A Dra. Keller volta a sentar-se e a Sra. Glenn compõe a saia, ambas as mulheres ufanas de superioridade.

— Faye, queira sentar-se — diz a Dra. Keller.

Não quero sentar-me. Quero fugir. Já chumbei qualquer exame que tivesse de passar para não ter a Assistência à Família a meter-se na minha vida, e quero desesperadamente evitar as repercussões que se seguirem. Sinto que me emboscaram. A terapeuta levou-me a crer que eu viria ao mesmo sermão que me deu das três últimas vezes que me chamou para falar dos problemas de Tom — *o Tom não está a melhorar como gostaríamos... Não podemos ignorar os problemas dele... A mãe tem-lo levado à terapia como sugerimos?... blá, blá, blá. A mãe tem de fazer isto, a mãe tem de fazer aquilo... A culpa é toda sua.*

A Dra. Keller suspira pelo nariz e eu consigo cambalear até à cadeira vazia.

— Primeiro, quero dizer que estamos do seu lado. Todas queremos o bem do Tom.

— Posso perguntar onde está o Sr. Martin? — interrompeu a Sra. Glenn outra vez, com o hábito irritante que tem de parar o fluxo da conversa para procurar familiares meus desaparecidos. — Tinha esperança de que comparecessem os dois. Isto é importante.

Como se eu não soubesse que isto é importante. O meu filho não fala, trancou-se numa sala para não ter de ir ao coro onde teria de cantar a plenos pulmões.

— Faye? — A Dra. Keller chama-me, e apercebo-me de que não reagi.

— Está em viagem — respondo na voz a que chamo voz de empregada de mesa, porque é que voz que uso no trabalho. A voz é estranhamente neutra e sincopada, mas é a única que consigo fazer quando estou stressada. Sean pensa que é sensual porque é baixa e rouca. Os miúdos acham-na esquisita, e é. — Ele é camionista.

Isto é quase verdade, tirando a omissão de Sean se ter ido embora há cinco meses, para uma viagem de uma semana, e nunca mais ter regressado.

A Sra. Glenn franze o sobrolho, a boca apertada e o nariz franzido também.

— Senhora Martin, o Tom precisa de ajuda. Ajuda especializada.

Ajuda especializada que custa 120 dólares à hora, e com consultas três vezes por semana para fazer efeito.

Olho para as minhas mãos no colo e resmungo.

— Vou levá-lo à terapia.

É uma promessa feita neste mesmo sítio já por três vezes, e até aos meus ouvidos soa falsa. A reação da Sra. Glenn é tão rápida que a resposta dela seria a mesma, dissesse eu o que dissesse.

— Embora decerto as suas intenções sejam francas, a minha função é garantir o bem-estar do Tom. Infelizmente, a esta altura, vamos precisar de mais do que a sua palavra. Abri um processo para ele e, a partir deste momento, serei eu a supervisionar a situação. A Dra. Keller continua a manter-me informada do progresso escolar do Tom, e terei de fazer uma visita a sua casa para compreender melhor a vida dele fora da sala de aula.

— Não é necessário — sai-me, a voz de rajada com o pânico. — O mutismo do Tom não tem nada a ver com a vida em casa. É como a gaguez; pode acontecer a qualquer pessoa.

Tenho perfeita noção do que parece, que estou completamente apavorada com a ideia da visita dela. E estou, mas também é verdade. Posso não ter dinheiro para terapia, mas já li todos os livros que existem sobre mutismo seletivo. O problema de Tom não surgiu de nada que tivéssemos feito. Ele é simplesmente assim, como uma criança

que nasce com a vista preguiçosa, só que a cura não é fácil nem linear como comprar-lhe óculos.

A Dra. Keller fala em voz compassiva.

— Faye, sabemos que é boa mãe, e não dizemos que os problemas do Tom sejam por sua causa ou do Sean. É apenas o procedimento habitual. Quando se abre um processo, tem de se investigar o ambiente doméstico.

Investigar! A palavra trava-me temporariamente o coração, e preferia que ela voltasse ao termo «visita». Os *Crocs* demasiado pequenos de Molly passam-me pela cabeça irracionalmente, cegam-me com a ideia de quantas mais deficiências serão descobertas se esta mulher for a minha casa. Não me parece ter nada a esconder, não mais do que qualquer família, mas é como esconder a desarrumação toda num armário, por mais que toda a gente faça, continuamos a não querer que abram aquela porta.

— Gostaria que o Sr. Martin também lá estivesse para o conhecer — diz a Sra. Glenn. — Quando é que ele volta?

A boca torce-se-me quando encolho os ombros e dou uma resposta que não me comprometa.

— Não sei bem. Por vezes ele aproveita deslocações pelo caminho.

Dou uma olhadela enviesada e vejo a Dra. Keller a estudar-me, a boca numa linha fina, o radar do engano sintonizado de tanto lidar com adolescentes delinquentes todos os dias.

A Sra. Glenn levanta-se e estende-me um cartão de visita.

— Telefone-me quando ele voltar. — A meio do caminho para a porta, detém-se. — Mais uma coisa. Nunca se deve deixar sozinha no carro uma criança de oito anos nem uma criança de quatro anos.

Vai-se embora, a condescendência a deixar vestígios como se de um mau cheiro se tratasse e, quando a porta se fecha, a Dra. Keller diz-me:

— Faye, eu sei que está a fazer o melhor que pode, mas sozinha com três crianças é muito, especialmente quando uma tem necessidades especiais.

As palavras «necessidades especiais» apunhalam-me o peito. Tom é perfeito, *era* perfeito. Até andar na escola, era o meu rapazinho

perfeito — tímido e talvez algo reticente, mas doce, amoroso e feliz, desconhecedor do mundo além do seu e da dificuldade e crueldade que pode encerrar.

— Parece que o Sean se ausenta muito. Talvez a Faye precise de ajuda. Tem família por perto que lhe possa dar uma ajuda?

Faço um sorrisinho e anuo com um meneio de cabeça. Outra mentira, até já lhes perdi a conta.

CAPÍTULO 2



— **A**ssistência à Família, iupi — diz Bo, levantando os olhos da sovela com que está a abrir novo buraco no arnês que tem ao colo.

Bo, proprietário dos Estábulos Bojangles, é o meu melhor amigo improvável. Um metro e sessenta e oito num dia bom, em que a artrite não declara guerra nem o tolhe pela cintura, é negro e enrugado como uma uva-passa, tem opinião sobre tudo, e dá-a sem que ninguém lha peça. Foi a primeira pessoa que conheci quando me mudei com Sean para Yucaipa, há 12 anos, e faz parte da minha vida desde então.

— Não é aquela gente a quem chamam na *Lei & Ordem* quando encontram putos acorrentados às camas a comer ração de gato?

— Não estás a ajudar nada.

— Ajudo, pois. Estou a dizer-te que é uma boa ideia irem morar com a tua mãe para evitar a Assistência à Família. A tua mãe é boa gente.

Passaram dois dias desde a reunião na escola e da ameaça da visita da Sra. Glenn me levar a tomar finalmente a decisão que ando a adiar há meses.

— Eu e a minha mãe não sobrevivemos cinco minutos juntas. Como é que vou morar com ela?

— Porque não há alternativa. O Sean não volta, e tu estás num sarilho. A vida é assim, mais sarilhos do que fundilhos, mas pronto.

— Ele ligou esta noite.

As sobrancelhas sem pelos de Bo sobem, os olhos negros a mirarem a direito a parte de trás do meu cérebro.

— Falaste com ele?

Abano a cabeça.

— Desliguei.

Bo mexe a cabeça em aprovação e volta ao trabalho.

Faço festas no focinho do cavalo na cocheira a meu lado e sustenho as lágrimas que andam a ameaçar cair a cada segundo depois do telefonema de Sean.

Olá, linda, disse ele, quando atendi, numa saudação lenta e rouca, espessa de álcool e emoção. O ruído de fundo era de trânsito e eu soube, instintivamente, onde ele estava. Era um jogo nosso favorito, adivinhar de onde me ligava. Antes de sair de viagem, eu decorava o trajeto, percorria-o com o dedo no nosso velho atlas e recitava os nomes das terras por onde ele passaria para que, quando me ligasse, eu acertasse na proximidade.

Esta noite, não adivinhei. Não disse nada, o barulho dos carros e camiões atrás dele a preencher o silêncio.

Como estão eles?, perguntou ele por fim, e foi quando desliguei.

— Disseste-lhe que te ias embora? — pergunta Bo, a abrir outro buraco no couro rijo, as mãos impressionantes de destreza e força para um homem tão velho.

— Já te disse que desliguei — respondo, com maus modos. Vejo-lhe um sorriso nos lábios grossos.

— Finalmente a ganhar genica. Muito bem.

Faço-lhe má cara, e o sorriso abre-se mais.

— Mamã, *oia* — diz Molly, a entrar no celeiro como uma pata choca, o peitilho das jardineiras cheio de alperces, sorridente como se acabasse de marcar na Super Taça. O nosso rafeiro sarnento, *Gus*, vem com ela, a cauda a abanar como se também tivesse participado na proeza.

— São *pá Tavessuia* — diz ela, orgulhosa, a espetar a barriga gorducha.

A *Travessura* é uma égua que não pertence a Emily, a minha filha mais velha, mas que Emily tem como sua.

— A Emi e o Tom ‘tão quase a *chegá*? — pergunta Molly, avançando toda desajeitada, os bracinhos à volta da pilhagem.

Olho para o relógio.

— Mais uns minutos. Vamos esperar por eles à beira da estrada?

— ‘Tá bem, mamã — diz ela, a girar nos calcanhares para mudar de direção, o peso adicional a puxar-lhe pelo centro de gravidade e a fazê-la dar a volta mais depressa do que contava, o que a faz tombar e perder a carga.

Desata a rir-se quando *Gus* saltita a ladrar, encantado. Eu e Bo rimo-nos com ela. A miúda é hilariante.

Molly franze o sobrolho quando põe o último alperce no bolso e faz saltar outro. Faz outra vez, com o mesmo resultado, e outra e mais outra, acabando por sorrir com o jogo. Juro que a miúda sabe encontrar graça em tudo.

— E se dermos este à *Mitsy*, parece-te bem? — sugiro, apanhando o alperce que acabou de cair no chão.

— *Paiete* bem, mamã.

Seguro no alperce e dou-o à égua a meu lado e ela engole-o; tenho de franzir o nariz outra vez para reprimir as emoções. Em dois dias estaremos fora daqui — sem alperces, sem cavalos, sem Bo.

— Não é para sempre — diz Bo, a ler-me o pensamento.

— O que é que não é *pa sempe*? — pergunta Molly.

— Nada, fofinha — respondo logo, a forçar um sorriso. — Vamos esperar pela Emily e pelo Tom.

Ainda não disse aos miúdos que nos vamos embora. Achei que daria a notícia esta noite, mas decidi adiar mais um dia. Hoje é sexta-feira, o nosso dia favorito, o dia em que Emily pode montar a *Travessura*, e o dia em que os vizinhos vêm aos estábulos, ao pôr do sol, para cozi-nharmos todos. Amanhã chega para lhes dizer que vamos abandonar a única vida que eles conhecem.

Chegamos à esquina quando o autocarro para. A porta abre-se e Tom sai primeiro, a cabeça curvada e o cabelo dourado a tapar-lhe a cara. A mochila balouça no ombro estreito, as mãos enfiadas nos bolsos das calças de ganga.

— Viva, fofo — digo eu.

Ele levanta a cabeça e sorri, mas não diz nada. Não conto com isso. A voz só volta depois de o autocarro desaparecer da vista.

— *Oia*, Tom — diz Molly. — Tenho *alpeces pa Tavessuia*.

Ele faz-lhe o sinal de polegar em riste.

Emily sai atrás dele, as pernas altas e o cabelo ambarino a esvoaçar. Um rapaz grita-lhe qualquer coisa de uma janela aberta, e ela deita-lhe a língua de fora. A seguir, uma das amigas brada também:

— Adoro-te.

— Adoro-te mais — retruca Emily, as duas a declararem abertamente o estatuto de Amigas do Peito, da maneira que só as raparigas de 11 anos sabem fazer.

O autocarro vai-se embora, e Emily vem ter connosco.

— Atão, Barata? Que tens aí?

Barata é a alcunha que Emily deu a Molly. Dado os olhos enormes que Molly tem, chamam-lhe Carocha desde que nasceu. Eu chamo-lhe Carocha ou Besoura. Tom ficou-se pela Carocha. Emily vai alternando entre Barata ou Melga, consoante a disposição.

— Apanhei *pa Tavessuia* — anuncia Molly, orgulhosa.

— Sim, senhora — diz Emily, a dar palmadinhas na barriga cheia de alperces de Molly. — E se os puséssemos na minha mochila?

— Boa ideia — diz Molly, a abrir o peitilho para os alperces caírem no chão.

Nós os três agachamo-nos para os guardar na mochila de Emily; Tom atira um pau a *Gus* e ri-se quando *Gus*, que não acerta no alvo, tenta trazer a raiz de uma árvore em vez do pau, puxando-a com toda a gana.

— Mamã, olha só — diz Tom, a apontar para a comédia, as primeiras palavras desde que chegou a casa, completamente sem dar por elas.

Como um interruptor, a voz voltou, e o alívio inunda-me o coração como todos os dias em que aquelas benditas primeiras palavras lhe saem. Aflige-me tanto que, um dia, o dom da fala lhe seque por completo, não só na escola, mas em casa também.

Ao meu lado, Emily conta-me o dia que teve. Eu chamo-lhe rainha da Escola Básica de Ridgeview, querida de todos, uma batelada

de amigos, capitã de todas as equipas, delegada de turma. Hoje dissecaram minhocas em ciências. As raparigas do grupo dela nem lhes queriam tocar, portanto, foi ela a cortar. Conta-me do pequeno estômago a que se chama moela, e que os intestinos estavam cheios de terra porque é isso que comem as minhocas, e que o Willy Jones tentou assustá-la a limpar os intestinos ao braço dela, mas que ela se vingou a pôr-lhe a minhoca dissecada no almoço dele.

À distância, ouve-se um camião grande na via rápida, Emily interrompe o monólogo para virar a cabeça nessa direção. Mira a estrada com olhos semicerrados e eu faço o mesmo, ambas a forçar a vista para ver se a cabina é amarela com riscas pretas.

Não é, e o meu coração volta ao ritmo normal, o queixo avança quando me armo em contente por ser outro camião qualquer, como se não quisesse que fosse Sean.

Emily olha para a terra, não conseguindo disfarçar nada a desilusão.

Ponho-lhe o braço na cintura e dou-lhe um beijo no alto da cabeça, o ar cada vez mais pesado conforme a realidade da nossa vida volta a ganhar nitidez. Ele foi-se embora, a não ser que se dê um milagre, em dois dias, nós também nos havemos de ir embora.

CAPÍTULO 3



Emily está a montar *Travessura*, e eu, Molly e Tom estamos no celeiro com Bo. Molly sobe para o colo de Bo e encosta a cabecinha ao ombro dele. Bo não levanta o olhar, adapta simplesmente a posição ao peso dela e passa o braço direito à volta do corpinho para continuar a trabalhar.

Tom muda o peso do corpo de um pé para o outro, como quem quer fazer chichi, mas sei que aquele desassossego não tem nada a ver com a bexiga.

Quando Bo termina de abrir o último buraco no arnês, pergunta:

— Que me dizes tu?

Tom enche o peito de ar e diz com grandes floreados:

— *Eu* quero desafiar-te a *ti*... — Aponta para si próprio e para Bo para dar mais efeito. — Para um bailarico.

— *Bailaíco saltaíco* — guincha Molly, a saltar do colo de Bo e a bater palmas. Bo levanta a sobancelha esquerda.

— De certezinha? — pergunta ele. — Se bem me lembro, da última vez que me desafiaste para um bailarico, tu e a tua irmã levaram que contar e acabaram a limpar as cocheiras o resto do dia.

Molly franze o sobrolho, muito atenta. As palavras roufenhas de Bo dificultam a compreensão a quem ouve, mesmo quem tem mais de quatro anos e já tem domínio linguístico.

Sinto o coração de Tom acelerar. Quem paga é quem perde neste desafio de dança. Se Bo perder, coisa rara, tem de dar cinco dólares

a Tom e Molly. Se Tom e Molly perderem, têm de limpar cinco cocheiras. Para nivelar as probabilidades, basta uma das duas crianças ganhar a Bo, e cada uma pode errar três vezes antes de ser desclassificada.

Tom anui com a cabeça. Está pronto. Há uma semana que ensaia todos os dias. Eu conheço-lhe a motivação. *The Croon* acabaram de lançar um novo álbum, e ele tem esperança de ganhar dinheiro para comprar as canções novas para ouvir no *iPod*. A motivação de Molly é sempre a mesma, dinheiro para gelado de chocolate na gelataria Baskin-Robbins da baixa.

Bo levanta-se e estica os braços acima da cabeça, o corpo a ranger de ele forçar os velhos ossos a estirarem-se.

— São *hoias* de *bailaíco saltaíco* de *abaná* o penico até *tê* um fanico — diz Molly.

Foi Bo quem ensinou Molly a fazer rimas e, desde que sabe dizer duas palavras seguidas, tem-se armado em Dr. Seuss. De cada vez que estão juntos, ele ensina-lhe novas rimas para o repertório.

Como agora, em que responde com:

— *Calma aí, amorico, que Bo não é maçarico mas tem de ser mafarico antes de ir ao bailarico.*

Molly sorri de orelha a orelha, os olhos a dardejarem consoante vai catalogando as novas rimas para mais tarde recordar. Bo dobra-se para chegar aos dedos dos pés, endireita-se, e gira os quadris algumas vezes.

Antes de Bo se dedicar ao negócio das estrebarias, era dançarino e, quando ficou velho de mais para dançar, foi coreógrafo. Já está tão curvado que não vale a pena ser profissional, mas, sempre que se junta a Tom, ensina-lhe o que sabe. Como Molly faz com tudo o resto, aproveita e alinha em qualquer coisa.

— Pronto, pé leve, vamos a isto — diz ele.

Começa com um passo simples que Molly imita facilmente, e depois uma manobra entre calcanhar e dedos do pé. Tom lança-se também, num sapateado em três tempos.

Continuam a acrescentar manobras e passos até chegarem a uma coreografia digna de Fred Astaire. Molly engana-se mais de três vezes,

mas Bo é generoso e só repara de três em três, o que faz Molly quase guinchar de contentamento sempre que se safa com mais uma fífia.

Bo finalmente apanha Molly à terceira, logo depois de Tom falhar a segunda vez.

— Oh — diz ela, como se acreditasse mesmo ter hipótese. Arrasta os pés até onde estou sentada num balde e deixa-se cair na terra a meu lado.

— Ainda podes render-te — diz Bo a Tom.

— Tens medo? — retruca Tom para o arreliar.

— Ena, moço. Leva lá a bicicleta. As cocheiras já estão a chamar por ti. É a tua vez.

Tom faz impecavelmente a coreografia em que Molly acabou de se enganar e junta uma manobra que nunca vi, uma bizzarria a sacudir os quadris em que mais parece que as pernas saíram dos gonzos.

Como Bo é um fóssil, nem pensar em deitarem-se no chão, girarem a cabeça, ou outras ginásticas, mas não é nada disso. É uma coisa bizzarra que parece implicar suspensão da gravidade e liquefação de músculo e osso.

Tom sorri como o gato da Alice. Já ensaiara aquilo para rematar.

Bo desata a rir-se, numa galhofa que lhe sacode o corpo todo.

— Achas que me vais ganhar com isso? — pergunta. — Fui eu quem ensinou isso ao Michael.

Certinho e direitinho, além de imitar a coreografia e o remate à matador de Tom, Bo sai-se melhor do que ele, as pernas de galinha literalmente como borracha quando lança primeiro a esquerda e depois a direita.

Vejo a cara desanimada de Tom, as feições a derreterem-se com a desilusão.

— Caramba — diz Bo, a coçar a careca. — Bolas, perdi.

Tom franze o sobrolho, depois arregala os olhos e brada:

— Perdeste. Não juntaste outra, perdeste, ganhei eu.

— Também ganhei — diz Molly, pondo-se de pé.

— Hum, hum — diz Bo, abanando a cabeça. — Devo estar a perder o jeito.

Do bolso da frente, saca de um maço de notas e tira duas de cinco para os miúdos.

— Agora vou mostrar como é que se faz como deve ser. Sacudam lá esses genes de baunilha e deem um bocadinho de chocolate quente.

Molly ri-se. Não me parece que tenha percebido palavra, mas a maneira de ele falar vale sempre uma gargalhada.

CAPÍTULO 4



É uma despedida emotiva e Emily mostra-se mais afetada. É a mais velha e, como tal, tem mais de que abdicar. Desde que lhe disse que nos vamos embora, não disse palavra e lança-me olhares furibundos que não deixam margem para dúvidas. *Como é que deixaste que isto nos acontecesse? A mim?*

Estou a esforçar-me, só me apetece gritar. Estou a fazer o melhor que sei e que posso.

Molly está mais transtornada por ter de deixar Gus. Ainda não abarca o conceito de morarmos noutro lado e, por isso, sinto-me grata.

Tom finge-se triste, mas desse faz-de-conta irradia uma centelha de esperança, uma ânsia de se fazer à estrada, movido por um otimismo fino de que as coisas possam ser diferentes para si em Los Angeles, melhores.

— E o papá? — pergunta Molly mesmo antes de arrancarmos.

— Não te preocupes, fofinha, ele vai ter connosco — respondo, a rezar desalmadamente para Sean voltar mesmo e não fazer ideia de onde estamos, para provar o próprio veneno e sentir, em primeira mão, a dor lancinante de ser abandonado e deixado para trás.

Olho para o espelho-retrovisor e vejo os olhos enormes de Molly cheios de preocupação, e o ódio amaina, o amor da minha filha pelo pai reduz o despeito vingativo a um anseio por uma verdade diferente desta, por um Sean diferente do que ele é, por uma vida menos

difícil, pela sua permanência, e por nada disto ter de acontecer, antes de mais.

Entramos na via rápida 10, uma artéria direta da nossa vida antiga para a nossa vida nova, cento e vinte quilómetros de alcatrão que bem poderiam ser mil, tal a diferença entre o mundo para onde vamos e aquele que deixamos.

— O Sr. Bo diz ao papá onde fomos?

— Sim, fofinha — respondo, acrescentando à longa lista de mentiras que tenho dito aos miúdos desde que Sean se foi, o instinto protetor, ou a cobardia, a impedir-me de lhes contar a verdade.

Os miúdos sabem que estamos por nossa conta, reconhecem que tenho trabalhado mais, compreendem que o dinheiro agora é mais precioso, mas não houve briga descarada nem reunião familiar emotiva em que eu e Sean nos tenhamos sentado com os miúdos, a contar-lhes que nos vamos separar ou divorciar e, regra geral, temos continuado a nossa vida como se nada tivesse mudado. O pai foi numa deslocação, mas, em vez de voltar daí a uma ou duas semanas como era costume, não voltou. Às perguntas sobre quando é que volta, tenho dado respostas neutras do tipo, «Desta vez é uma viagem bastante comprida», ou «Não sei bem». Já pensei em contar-lhes uma mentira enorme, que ele se alistou e foi combater numa terra longínqua, ou até dizer-lhes que morreu. Mas isso só simplificaria as coisas até ao dia em que ele aparecer ao vivo e a cores.

Coisa que há de fazer. Eu conheço Sean. Mais cedo ou mais tarde, vai aparecer à nossa procura, para pedir perdão e voltar ao seio familiar, ou para ver a prole de passagem.

Talvez eu devesse contar a verdade aos miúdos, mas a verdade parece-me impossível de explicar: *O vosso pai não tem estofo para esta vida. Nunca se quis casar nem ter filhos — nunca vos quis. Eu engravidei à revelia dele, e ele acabou por gostar de vocês, fez um esforço, mas foi de mais — vocês foram de mais — e ele foi-se embora.*

Piso no travão para abrandar porque há trânsito, e a carrinha engasga-se como se tivesse bronquite crónica. O mecânico explicou que o problema é a cabeça rachada, o que me fez imaginá-lo a pôr uma ligadura no motor e a dar-lhe aspirina. Infelizmente, a reparação

não é assim tão simples, e custa mais do que o valor da carrinha. Por conseguinte, a cada dia, encho o radiador e rezo para durar mais um dia, sabendo que estamos a esticar a corda e que, a dada altura, a cabeça vai abrir-se ao meio e a massa cinzenta vai derramar-se pela estrada fora.

— *Oia* — chama Molly, e faz-me virar para onde está a apontar.

Do outro lado da via rápida, uma mãe pata atravessa a estrada, quatro patinhos atrás dela, e os carros vão guinando e travando a fundo e apitando para não os atropelar. A mãe, corajosa, não levanta voo. Tem as penas rufadas de medo e grasna, mas continua valente, leva a sua pequena família a passar o fogo cruzado. Pergunto-me se, quando escolheu o caminho, terá percebido o perigo ou se, como eu, desconhecia, mas agora já está nele, a meio do percurso e sem outra hipótese a não ser prosseguir, orientar os filhos o melhor que souber, esperando e rezando para que cheguem todos ao outro lado.

CAPÍTULO 5



Eu e a minha mãe estamos no átrio à porta do apartamento dela. Ainda não se calou nestes últimos vinte minutos. — ... então enfiás a cabeça na areia e fazes de conta que está tudo bem? — pergunta.

Há um ano que não a via, mas a mulher não se faz velha — nem um fio branco no cabelo louro, a pele clara sem uma ruga. A dada altura, de certeza que hei de ficar como ela, e pareceremos mais irmãs do que mãe e filha — ela, a mais velha, mais forte, mais competente, mais curvilínea — eu, a mais nova, a menos capaz, que nunca deitou corpo como toda a gente contava.

— Mas tentaste sequer saber dele, conseguir que te desse dinheiro, penhorar-lhe o ordenado? Tu sabes que há grupos que fazem isso, apanhar o rasto a pais desnaturados...

Os miúdos estão dentro de casa, parecem catatónicos diante da televisão. Não há cão, não há pomar, não há quintal, não há nada. Estamos aqui há meia hora, e já estão aborrecidos de morte.

Concentro-me na respiração, inspira, expira, lembro-me do sacrifício que a minha mãe faz ao acolher-nos. Quando já não funciona, digo a mim mesma que é pelos meus filhos, que eu andaria sobre brasas pelos meus filhos, que hei de conseguir aguentar.

— Mas meteste sequer os papéis do divórcio? Ou quê, Faye, ainda anseias por ele, que volte e tome conta de vocês? O que farias se ele voltasse, recebia-lo de braços abertos?

Não. Não. Não. Não.

Não, não tentei apanhar o rasto a Sean porque sei exatamente onde está. Juntou os trapinhos com Regina, uma mulher que conheceu em Albuquerque. Não, não tentei que me desse dinheiro. Não me apetecia gastar latim. Não, não mandei penhorar o ordenado. Ele é dono do camião, duvido que o penhorassem. Não, não meti os papéis do divórcio. O divórcio é para quem pode pagar ao advogado.

Sim e sim.

Por mais desgraçado que seja, durante meses depois de se ir embora, rezei para que voltasse e, sim, tê-lo-ia deixado entrar em casa.

A minha mãe não compreende isto. Nunca teve de ficar sozinha, passou do primeiro marido para o segundo, para o terceiro, depois teve-me a mim e lá se aguentou no casamento com o meu pai. Não faz ideia do pesadelo que é estar sozinha a sustentar três filhos.

Ao princípio, pensas que te vais alimentar da raiva, mas não. Passa depressa e ficas cansada, o tipo de cansaço que faz doer os ossos e adormentar a mente até sentires que tens 100 anos em vez de 32 — tão acabada que não te imaginas a continuar da mesma maneira. Aqui é que entra o medo: *O que acontecerá se não me aguentar ou se alguma coisa correr mal? Eles não têm mais ninguém, só a mim, e não consigo fazer isto. Vou fazer borrada. E depois como é?*

Por conseguinte, sim, começas a ter saudades dele... *dele*, aquele que causou isto tudo, mas também quem criou tudo isto. Aquele que fez promessas em que acreditaste, palavras em que apostaste a tua vida, votos de amar e estimar — um sonho vago mas recordado. Aquele que olhou para ti com adoração quando tiveram a primeira filha, os lábios a roçarem-te na testa quando sussurrou: *Foste ótima, linda, vamos chamar-lhe Emily, porque o nome é bonito como a mãe dela.*

A minha mãe continua sem dar sinal de abrandar, a tirada guardada desde que lhe confessei, há dois meses, que Sean já não aparecia há três.

— Para bem de quem? — pergunta ela. — Das aparências? A quem queres impressionar? Os vizinhos, a escola, a mim? Achas que andamos cá todos a julgar-te? Ou é porque ainda queres ter razão, és teimosa e não admites que o Sean se revelou exatamente como eu calculava?

Eu soube, no momento em que o conheci, fraco, imprestável. Como é que ficaste com ele...

Talvez andar sobre brasas fosse preferível a ficar aqui como uma miúda de cinco anos a levar uma ralhete da mãe. Pelo menos, seria mais rápido. Volto a contar as inspirações, a felicitar-me silenciosamente depois de cada uma em que consigo não rebentar, a perguntar-me que mal terei feito numa vida passada para me condenar a uma pena tão pesada, porque ser obrigada a viver com a minha mãe é, de certeza, castigo maior do que qualquer coisa que eu possa ter feito nesta vida.

— Ou talvez não seja nada disto, mas sim exatamente o que sempre fizeste, a arrastar-te pela vida como sempre. Sem planos, apenas a seguir para onde o vento te virar, as coisas sempre a acontecerem-te em vez de seres tu a fazeres acontecer. Não é que a gravidez seja algum mistério, mas ficaste admirada de todas as vezes...

Eu anuo com a cabeça. Casei-me com Sean aos 19 anos porque estava grávida de Emily. Três anos depois, a vida já custava, fiquei grávida de Tom. Quatro anos depois disso, Sean, que já fazia mais viagens e ficava fora cada vez mais tempo, veio a casa jurar que iria endireitar as coisas, promessa que saiu gorada quase de imediato, mas durou o suficiente para eu ficar grávida outra vez.

Ela tem razão. Sou uma idiota.

CAPÍTULO 6



Sobrevivemos a esta noite, e esta manhã estou decidida a tomar as rédeas da minha vida. Para isso, preciso de dinheiro.

— Vamos sair, malta — digo depois de um pequeno-almoço rápido com *Cheerios*, a única comida de pequeno-almoço em casa. A comida nunca foi prioridade da minha mãe e, se eu não arranjar emprego depressa, aflige-me que ainda passemos fome.

— Onde vamos? — pergunta Molly, a sair da cadeira e a enfiar as *Crocs*, claramente animada por sair das quatro paredes.

Tom também se levanta, mas não parece tão animado. As novas experiências não lhe caem bem, e conhecer gente nova não lhe cai mesmo nada. Bo ensinou-o a pensar nisso como um bailarico, um passo de cada vez, não te adiantes senão tropeças. Estou a vê-lo fazer isso agora. Levantou-se. Mais nada. Um passo.

Emily fica sentada de braços cruzados.

— Vens ou não? — pergunto, a desafiá-la, pois acabou-se-me a empatia. Seja minha culpa ou não, ela está a ser chata, e tanto se me dá que fique em casa a amuar.

— Anda lá — pede Molly, a puxar os braços cruzados de Emily.

Emily deixa a irmã puxá-la para a levantar. A verdade é que deve estar com bichos-carpinteiros como todos nós, e Molly acabou de lhe dar um pretexto para ceder.

Como se soltássemos as laçadas de um corpete, assim que voltamos à carrinha, o ar sai-me todo de uma vez. Se continuar assim, ainda morro sufocada antes de passar a primeira semana. A carrinha é como um porto de abrigo, o mais parecido com uma casa que ainda temos. Se eu pudesse pagar combustível, ia dar umas voltas, desfrutar a acalmia, mas o depósito está quase vazio e, se não arranjar emprego, vai continuar assim.

As minhas perspetivas de emprego são limitadas. Não tenho habilitações nem experiência, além de servir à mesa. O problema desta ocupação em Los Angeles é que todo o ator sem papel é empregado de mesa ou de bar, o que torna as vagas em restaurantes raras como corneteiros numa pista de corridas.

Vou até ao sítio onde tenho mais hipótese de me sair bem, Third Street Promenade em Santa Monica, a maior densidade de restaurantes por metro quadrado na cidade. Além disso, é um centro comercial exterior onde os carros não entram, pelo que os miúdos podem esperar na rua em segurança enquanto procuro emprego.

— Lindo — diz Emily quando lhe digo onde vamos. — Um centro comercial quando não temos dinheiro para comprar nada.

— Preferes voltar para trás e ver televisão o dia todo? Prometo que vai ser divertido. Há artistas de rua: cantores, dançarinos, palhaços, mágicos, geralmente uma ou duas bandas a tocar.

— O circo dos anormais — diz ela com maus modos. — Como diz a avó.

— A avó não sabe tudo.

Molly e Tom não participam do debate, já escolheram sabiamente a posição da Suíça, ficam os dois calados enquanto Emily solta farpas e eu vou aparando os golpes.

O estacionamento é um pesadelo e custa uma pequena fortuna. O parque está cheio, portanto, ficamos num sítio com parquímetro na rua que custa dois dólares por hora. Deixo quatro dólares e vejo as horas. Temos até às 12h02.

Apesar da determinação de Emily em ser carrancuda, o mau humor esvai-se assim que pomos os pés na calçada. Como no circo ou num parque temático, há um ambiente de atrações e uma sensação

de aventura, o inesperado a espreitar à nossa frente — música, vozes, sons, algodão-doce, farturas, gelado — tudo a ressoar, tudo a momentos de distância.

Acabámos de entrar quando Tom me puxa pela camisa e aponta. Dói-me o coração ao ver que a voz lhe sumiu, mas descarto o sentimento, decidida a não deixar o «gato» estragar-nos o dia. Sigo o dedo que aponta e vejo um homem sentado num caixote diante de um balde do lixo a tapar-se com dois ramos frondosos nas mãos. Funde-se no cenário e está tão quieto que, se Tom não tivesse apontado, eu nunca teria dado por ele.

Não me admira que Tom o tenha avistado. Ele repara em pormenores como um cego a compensar a falta de vista com uma audição finíssima. Nós andamos tão entretidos a falar ou a pensar no que vamos dizer que não damos pelas coisas, mas Tom tudo vê e tudo ouve.

Retenho os miúdos e deixamos duas raparigas na casa dos vinte passarem-nos à frente. Uma manda mensagens no telemóvel enquanto a outra vê as montras, cada qual com um saco de compras pendurado.

Quando estão a meio metro dele, o homem estende o ramo do braço esquerdo à frente delas. A do telemóvel guincha e o aparelho foge-lhe da mão. A das montras salta quase meio metro e leva a mão ao coração, o saco de compras sobe e bate-lhe na cara.

As duas desatam a rir-se quando veem que foram emboscadas pelo famoso bosquímano da Third Street Promenade, e a das montras leva a mão à carteira e dá um dólar ao homem.

Molly bate as palmas, encantada, e diz:

— Eu *qué* que me *peguem* um susto.

Tom sorri de orelha a orelha e Emily faz uma cara animada. É o primeiro momento feliz da nossa nova vida, e quero saboreá-lo. *Sabemos contentar-nos com qualquer coisa*, já dizia o meu pai.

Dou a Tom mais cinco por ter reparado no artista furtivo. Além de detestar que me pregassem um susto a mim, detestaria ter de dar um dólar pelo privilégio.

Já palmilhámos quase dois terços da calçada e começo a sentir o desespero. Não há empregos. As coisas podem melhorar daqui a umas semanas, mais perto do verão e da época alta, mas neste momento está muito parado e ninguém quer empregados.

Olho para o relógio. Faltam vinte e dois minutos para acabar o tempo do parquímetro. Precisamos de dez minutos para o caminho de volta, o que deixa doze minutos, tempo de sobra para mais um não.

— É o último — declaro. Os miúdos nem sequer ligam quando me afasto. Emily está a ver pulseiras numa banca de bijuteria. Tom fica ao lado dela a ver as pessoas. Molly está a imitar os agachamentos do *He-Man* nos desenhos animados ao ritmo de uma banda que toca ali perto.

Passo à porta de um restaurante chamado Namaka Exotic Cuisine e, assim que entro, sei que não é sítio para mim. Cominhos e caril — o cheiro esmagador das especiarias indianas dá-me engulhos.

Quando era nova, comi toda a espécie de comida. O meu pai adorava cozinhar. Não tínhamos dinheiro para restaurantes finos, por isso ele fazia comida fina em casa. Eu gostava de tudo, menos de cozinha indiana.

Viro costas para me vir embora quando uma voz me faz estacar.

— Bem-vinda — diz, num som anasalado que me dá vontade de fugir em vez de andar. Forço um sorriso e viro-me de frente.

O homem é escuro e tem um sorriso fingido que é demasiado grande para a cara dele.

— Vinha saber se tem vagas para trabalhar — digo, na esperança de que me diga logo que não, para ir a outro restaurante antes que acabe o tempo do parquímetro.

— Experiência? — É mais o carácter abrupto da pergunta do que o sotaque, como se ele não tivesse paciência para a gramática.

Anuo com a cabeça. Ele tira-me as medidas de alto a baixo.

— Está bem. Mesa nove. — Com as costas da mão, faz sinal para o pátio onde dois fregueses solitários estão sentados com as ementas fechadas à frente e ar de impaciência na cara.

Pestanejo várias vezes, acho que não ouvi bem.

— Está a contratar-me?

Ele semicerra os olhos, como se já não estivesse certo disso.

— Quer dizer, ainda bem que me está a contratar — digo logo, — mas não posso começar já. Posso vir amanhã?

Ele resfolega, e eu engulo em seco só de pensar que acabei de perder o único emprego que me ofereceram.

— Onze — diz ele, passa por mim, o sorriso exagerado a cumprimentar uma família de quatro que entrara.

— Cheira divinalmente aqui — diz a mulher, e vejo o marido a assentir como manda o figurino.

O meu novo patrão leva a família para o pátio onde já está o casal esfomeado, e eu volto para a rua, aliviada, mas pouco entusiasmada. Não gosto de comida indiana, não gostei do homem que me contratou, mas é um emprego e começo amanhã. Vejo as horas. Dois minutos antes de termos de voltar para a carrinha.

Emily e Tom estão ao lado da banca onde os deixei, absortos numa espécie de quebra-cabeças em cubos, cada qual com um na mão a tentar descortiná-lo.

— Onde está a Molly? — pergunto-lhes quando lá chego e percebo que não está com eles.

Emily levanta os olhos do quebra-cabeças e olha para os dois lados antes de os arregalar de pânico.

— Ela estava mesmo aqui.

Emily e Tom largam os brinquedos em cima da banca e correm atrás de mim que já vou de pessoa em pessoa a perguntar se viram uma menina de jardineiras, o coração a disparar de pânico, no que deve ser a pior sensação do mundo. Agora há milhares de pessoas na calçada, o trânsito de peões cada vez maior à hora de almoço. Vou fazendo gincana, a olhar desvairadamente para toda a parte.

Há uma multidão à roda de um artista de rua, um mimo. Irrompo pelas pessoas a murmurar pedidos de desculpa. Nada de Molly. Abro caminho para sair, corro para outro grupo em redor de uma banda, a música a ribombar de dentro para fora.

Uma senhora negra e avantajada com uma carteira do tamanho de uma mala de viagem empurra-me para trás quando tento abrir caminho, e tenho de dar a volta até outro ponto da multidão.

Este público é mais compacto e tem mais fileiras do que aquele à roda do mimo, uma barreira de sessenta pessoas no mínimo, a rirem-se e a baterem palmas e a impossibilitarem-me a passagem.

— Por favor — choro —, estou à procura da minha filha.

A minha voz mal se ouve com a música, mas há um homem que vira a cabeça. Talvez tenha cinquenta anos, cara rosada e camisa de golfe roxa repuxada numa barrigana, sorri e apoia o peso impressionante que deve ter contra a multidão para criar uma abertura.

— É aquela? — pergunta, apontando.

As lágrimas vêm-me aos olhos quando vejo Molly no meio do público, o alívio assola-me e quase me faz tombar de joelhos. O homem agarra-me pelo cotovelo, segura-me direita.

— Ela é uma boa artista — diz, com voz arrastada.

Certinho, lá está ela, na ribalta, a dançar com um negro muito alto que canta e toca guitarra. Aliás, é um desafio com o homem. Ele faz um passo simples e Molly imita-o.

Não faço ideia de como começou, mas o público está a adorar. É muito divertido, um negro com dois metros de altura e rastas com missangas no cabelo a fazer passos de dança cheios de estilo e depois uma menina branca rechonchuda com caracóis louros a imitá-lo. Ao ver, é impossível não sorrir. O coração enche-se-me de orgulho. É a minha menina, a *minha* filha.

Tom e Emily aparecem ao meu lado e também sentem orgulho, todos nós radiantes a ver Molly ser o mais Molly possível. Há várias pessoas no público com os telemóveis em punho a tirar fotos. Também saco da antiguidade que tenho como telemóvel e tiro uma fotografia da minha pequenina.

O calmeirão deixa de tocar guitarra e começa a bater palmas acima da cabeça, encorajando o público, e a rua inteira explode em uníssonos para cantar o final. Depois ele tira o microfone do suporte, segura-o à frente de Molly, e Molly leva toda a gente a cantar «... Johnny B. Goode.»

Desatam todos a aplaudir, e o calmeirão pede mais cinco a Molly. Depois ela vai ter com o baterista e os dois fazem o cumprimento dos nós dos dedos.

Molly está a recuar quando uma mulher avança e lhe dá qualquer coisa. Corro para elas, mas a mulher já desapareceu na confusão antes de eu lá chegar.

— O que é que ela te deu? — pergunta Emily, abraçando Molly junto à anca, claramente aliviada ao vê-la e seguramente a sentir-se péssima por tê-la perdido antes.

Molly abre a mão e mostra uma nota de vinte.

— *Puqué qu'ela me deu dinheio?* — pergunta Molly.

— Deve ter gostado da tua dança — respondo, o coração quase a rebentar.

Voltamos para a carrinha a correr e temos outro alívio fabuloso, não há multa. Para comemorar, deito mais dois dólares no parquímetro, e Molly leva-nos a comer gelado com os vinte dólares. Levamos os cones para a praia e, na hora seguinte, ficamos a brincar na areia.

Hoje pode muito bem ser o nosso dia de sorte.

CAPÍTULO 7



Estamos em Los Angeles há um mês e instalámo-nos numa rotina que não é triste, mas a que falta muito para ser feliz, uma existência tolerável que roça a normalidade.

Eu e a minha mãe mal nos vemos, e talvez a isso se deva esta paz precária. Os meus quatro turnos no Namaka significam que estou fora até o resto da casa estar a dormir, e a minha mãe trabalha nos outros três dias, dois como voluntária na biblioteca local e o terceiro no *Star Gazer*, um tabloide semanal dedicado à caça de celebridades, que lhes tira fotos e depois inventa notícias que combinem com as imagens.

Antes de se aposentar, a minha mãe era professora de Inglês na escola preparatória. Agora emprega as competências de escrita e a obsessão com ricos e famosos para escrever uma coluna de astrologia das celebridades, prevendo-lhes o futuro pela posição do Sol e da Lua, o momento exato em que nasceram, e atual localização no globo. É tudo um embuste bastante científico, mas os leitores adoram, e a coluna dela é uma das mais populares da revista.

As aulas acabam daqui a uma semana e já estou a stressar com a rotina do verão, aliás, a falta dela. Desde que nos mudámos para cá, a minha mãe tem dado aulas a Tom em casa, o que lhe poupa de começar numa escola nova, pelo que ele e Molly têm estado em casa, mas, felizmente, Emily está fora cinco dias por semana, o que me poupa ao seu despeito.

Emily detesta a escola nova, detesta Los Angeles e detesta-me a mim. Detesto ter de admitir, mas ainda bem que ela não está por casa nos dias em que estou, para não ter de lidar com isso. A única coisa que se salva é a equipa de futebol onde ela ingressou. Tirando isso, está triste e é uma tristeza estar com ela e, quando as aulas terminarem, vai ser como um elefante enjaulado que dá uma topada com o pé.

Fico admirada quando entro no apartamento depois do turno e dou com a minha mãe ainda acordada. Olho para o relógio: 22h15.

— O que estás a fazer ainda acordada? — pergunto, a língua já espessa de cansaço e tédio. O novo ritmo da minha vida — trabalhar, cozinhar, limpar, tratar da roupa — é como música de elevador, toca sem fim e sem ver diferença entre um dia e o outro.

A minha mãe salta do sofá, de cara animada a tal ponto que me assusta. É o mesmo ar quando eu tinha 11 anos e ela anunciou que íamos fazer um cruzeiro com celebridades e conviver com ricos e famosos. Um rematado desastre. Nem a minha mãe reconheceu os artistas requentados que eram cabeças de cartaz no cruzeiro, e eu e o meu pai passámos as férias pendurados na amurada, verdes de tanto enjoio.

— Não vais acreditar no que aconteceu hoje — diz ela.

— Ganhaste a lotaria.

— Melhor.

— Melhor do que ganhar a lotaria? Tom fez um discurso perante o Congresso sobre a injustiça de banir a manteiga de amendoim dos almoços escolares.

— Melhor.

Não há nada que possa ser melhor do que isso.

— O que foi? — perguntei, farta da brincadeira.

Ela mostra-me um cartão de visita.

— Olha só quem veio hoje cá a casa.

Monique Braxton, Braxton Talent Agency, morada no Wilshire Boulevard, número de telefone, website, correio eletrónico, página no Facebook, conta no Twitter.

Encolho os ombros.

— Não sabes quem ela é? *Monique Braxton*. Ela é a maior agente de talentos no planeta. Representa toda a gente que for alguém. Adultos não, apenas crianças, mas, se fores alguém menor de 18 anos, és uma criança da Monique Braxton.

A minha mãe está tão excitada, que as palavras saem-lhe da boca como fogo de metralhadora.

— E depois?

— E depois, olha só isto.

Agarra-me pelo pulso, leva-me para o computador portátil que tem na cozinha e mexe no rato para o acordar. O ecrã ilumina-se e mostra uma página no *YouTube*. Ela clica no botão *Play* e o vídeo começa... um vídeo com Molly!

Fico a ver, incrédula. O vídeo é do nosso dia no passeio público. Começa abruptamente, o homem alto a dedilhar os acordes iniciais de «Johnny B. Goode», a abanar o corpo ao ritmo da canção. Atrás dele, de um dos lados, Molly faz agachamentos em sincronia com os agachamentos do guitarrista. É divertidíssimo de ver.

O calmeirão mexe a anca e dá um pontapé, e Molly imita-o, as anquinhas e a perninha causam uma rajada de risadas entre o público. O calmeirão parece confuso pela reação e repete os movimentos. Molly faz o mesmo, e o público desata-se a rir outra vez, depois, o homem gira nos calcanhares, repara na imitadora em miniatura, espeta um dedo para ela ir ter com ele e é quando começa o despique.

O vídeo tem três minutos e cinquenta e dois segundos e termina com Molly a encostar os nós dos dedos aos do baterista. Nos segundos finais vejo-nos a nós — eu, Emily e Tom de pé em pano de fundo, sorrisos idênticos nas caras.

— Então isto é assim — diz a minha mãe. — O vídeo já é viral. Olha só a quantidade de visualizações.

Pestanejo a ver o número, não pode ser a sério. São 7 867 672 visualizações.

— Estás a ouvir? — A minha mãe já quase guincha.

— Hã?

— A Gap quer fazer um anúncio com a Molly.

— O quê?

— A Gap, sabes, a loja de roupa.

— Pois, o que é que tem?

— Querem a Molly num dos anúncios deles. Contrataram a Monique Braxton para saber da Molly e a Monique Braxton arranhou maneira de saber. Não foi nenhuma assistente, foi ela. A Monique Braxton, ao vivo e a cores. Aqui. No *meu* apartamento.

Ela está tão contente que quase imagino a menina que deve ter sido, um pouco como a Molly, mas com inclinação para as estrelas. Aposto que era daquelas miúdas colecionadoras de toda a espécie de artigos de princesas e, quando isso lhe passou, colava pósteres de filmes nas paredes — a paixão chegou à idade adulta, um fascínio pelos famosos que raia a obsessão.

A minha mãe sabe dizer mais das estrelas do que sabe de mim. Sabe a idade que têm, onde é que nasceram, com quem é que namoraram, em que filmes entraram, que tragédias lhes aconteceram, que vícios têm, com quem são aparentadas, quem gosta delas e quem as odeia. Ela é assinante de todos os tabloides impressos em papel, já esteve no público de, pelo menos, uma centena de estúdios, e faz regularmente excursões que passam pelas casas das estrelas em Hollywood.

— E ela adorou a Molly de paixão — continua. — Claro que só podia adorar. Tu viste aquele vídeo?

Olho para Molly, que ressona deitada no sofá-cama.

— Dá para crer? A Molly. A nossa Molly.

— Como é que ela nos encontrou? — pergunto.

— Um investigador particular. Ele andou a fazer perguntas no passeio público e um dos gerentes dos restaurantes lembrava-se de ti e sacou da tua candidatura. Tão simples quanto isso.

Tão simples quanto isso. Sinto-me arrepiada e com o estômago embrulhado — milhões de estranhos a ver Molly, investigadores particulares a fazerem perguntas sobre nós, agentes de talentos famosas a aparecerem à porta sem serem convidadas — sinto tudo como um murro no plexo solar, um estranho misto de júbilo e horror, um guiado doentio de orgulho e violação.

— Portanto, basta ligares amanhã para marcar hora.

Sinto a cabeça a abanar e vejo a minha mãe a semicerrar os olhos e a perguntar numa voz muito mais lenta:

— Porque é que estás a dizer que não?

— A Molly não é... Nós não somos... Eu sou... Nós somos gente normal. Nós não somos... — Aponto para a imagem de Molly parada no ecrã. — Aquilo.

A cara da minha mãe muda literalmente de cor, de pêssego pálido para escarlate de tal maneira que até sinto o calor a sair. Depois rebenta.

— Santíssimo sacramento do altar, Faye. Como se não bastasse não teres ponta de genica para saíres à rua e fazeres alguma coisa da tua vida, agora cai-te esta oportunidade literalmente do céu aos trambolhões e tu vais deixá-la escorrer-te por entre os dedos. És tal e qual o teu pai. Podia ter caído um caldeirão de ouro do céu em nome dele, que ele teria dado a volta a queixar-se de que chovia ouro quando afinal o que precisávamos era de chuva.

CAPÍTULO 8



Tinha partido do princípio de que o incidente Monique Braxton tinha acabado.

Enganei-me.

— A tua marcação é às dez — diz a minha mãe, como se a nossa conversa duas noites antes não tivesse acontecido, como se eu ainda tivesse 14 anos e ela me lembrasse da consulta com o ortodontista. — O cartão está em cima da mesa. A Molly tem de ir contigo. Já pedi à Sra. Owen que tome conta do Tom na vossa ausência. — Sem esperar resposta minha, sai porta fora.

Marcho irritada até à mesa, determinada a rasgar o cartão de Monique Braxton num milhão de pedacinhos e deitá-los para cima da cama da minha mãe.

— ‘Tou bonita?’ — pergunta Molly antes de eu lá chegar. Está à porta da casa de banho, completamente vestida, o cabelo apanhado em dois totós mal feitos. — A Vó diz *qué melhó* cabelo apanhado *pa tê um á pufissiunal*.

Sustenho uma risadinha.

— Estás com ar muito profissional.

Sento-me numa das cadeiras da cozinha e dou palmadinhas no colo para ela se vir sentar.

Pesada e sólida, como uma saca de batatas, ela adapta-se logo a mim. Beijo-a na têmpora e inspiro-a. Permanece um ligeiríssimo vestígio de bebé — carinha cor-de-rosa e champô *Johnson’s*. Espero que

ela nunca deixe de usar este champô, embora saiba que há de deixar. Tom e Emily já passaram a usar o meu *Suave*, ainda doce mas não tão pueril.

— Carocha, tu queres fazer isto? Entrar num anúncio?

Ela inclina a cabeça para um lado.

— A *senhoa Buaxton* diz que me *qué a dançá*.

— Ai, disse? E que mais disse a Sra. Braxton?

— *Peguntou* se gosto de *dançá* e, quando eu disse que sim, *peguntou* se eu *queo ganhá dinheiro a dançá*, e foi quando eu disse que sim.

Sorrio porque sei que Molly está a pensar em gelado de chocolate.

— Então, está bem — digo, tirando-a do meu colo e pondo-me de pé. — Acho melhor irmos ter com a senhora Braxton para te arranjar emprego.

O escritório da Braxton Talent Agency ocupa todo o último andar de um prédio moderno de vidro e aço na esquina da Wilshire com a Western. Antes de sairmos do apartamento, pesquisei Monique Braxton no *Google* e fiquei devidamente bem impressionada. Ela é exatamente como a minha mãe disse que era, uma gigante do mundo do espetáculo que representa centenas de crianças que são estrelas famosas.

Eu e Molly esperamos no átrio pelo elevador. Ao nosso lado está um homem encorpado sem cabelo na cabeça, mas montes dele por todo o lado. Saem-lhe tufos do colarinho, dos punhos da camisa, das orelhas. Tem um cinto com ferramentas e uma camisa de mecânico com etiqueta no bolso a dizer Hector.

— Vão para a Braxton Agency? — pergunta, a mirar Molly. — Ela é mesmo fofa, sim, senhora.

Faço um sorriso educado.

— Pôr os putos a render, assim é que é. Quem me dera que os meus fossem fofos assim. Pode apostar que eu ia ganhar com isso. Comprava uma casa grande, um carro bom, talvez um iate, uma *Harley* de certezinha.

Não digo nada, desejosa que o elevador se despache.

— Isso é que era vida boa. Que eu cá já merecia. Você devia ouvir os putos que vêm cá, a queixarem-se de que estão cansados ou que

o hambúrguer que tinham de comer no anúncio estava frio. Se fossem meus, pode crer que os mandava calar e aguentar-se à jarda, comer o maldito hambúrguer, imaginar que é alface, alface verde, o tipo de couve que paga um *Mercedes* e uma casa com um sacana de um jacúzi e lugares para a temporada dos Lakers.

Finalmente, o elevador toca e as portas abrem-se. Esperamos que saiam todos, e Hector avança e segura a porta educadamente.

— Vamos no outro — digo, a apertar a mão de Molly mais do que o necessário.

— Não vamos *pa* cima? — pergunta Molly quando a porta se fecha.

— Vamos para cima, amor, mas esperamos pelo outro.

Pim. Chega o elevador a seguir e Molly puxa-me para dentro.

— Qual botão? — pergunta, claramente animada com tantas possibilidades brancas e luminosas.

— Vinte.

— É o de cima — guincha ela.

Subimos tão depressa que só podemos furar o teto e ser projetadas no céu como no *Charlie e a Fábrica de Chocolate*. Porém, coisa notável, no vigésimo andar, deslizamos até parar e as portas abrem-se para uma recepção com uma rececionista jovem e rutilante.

— Olá, em que posso ajudar? — pergunta ela como se cantasse. Molly adianta-se-me.

— Viemos *vê a senhoa Buaxton. Ela qué-me a dançá* num anúncio. Chamo-me Molly *Mátin*.

— Ai, mas tu és mesmo fofinha! Vou dizer à Sra. Braxton que já chegaram.

E vai-se, eu e Molly sentamo-nos no sofá de camurça branca, as duas à beirinha, na certeza de que a nossa proximidade só poderá sujá-lo. Rodeiam-nos dezenas de pósteres de programas de televisão e filmes, passados e presentes, todos com miúdos que são superestrelas, tantos que até custa a crer numa só agência responsável por tal sucesso.

— *Oia*, é o Caleb — diz Molly, apontando para um póster da série *The Foster Band*, a nossa favorita na televisão.

Caleb é um rapaz da idade de Emily, e tanto Emily como Molly estão caidinhas por ele. A sua cara em tamanho grande sorri-nos com marotice, as mãos estendidas de encolher os ombros. Concordo com as minhas meninas, ele é muito fofo.

A rececionista volta.

— A Sra. Braxton vai recebê-las agora.

Vamos atrás dela pelo corredor, ladeado de gabinetes com paredes de vidro cheios de gente com ar importante que parece acabada de sair de um catálogo *Hugo Boss* ou *Anne Klein*, consoante sejam homens ou mulheres e, à nossa passagem, cada cabeça se levanta, a tirar-nos as medidas como se fossemos sushi na passadeira rolante, avaliadas pela viabilidade de delícia e consumo.

A rececionista bate numa porta de mogno ao fim do corredor e, quando a abre, vejo um gabinete enorme com vista sobre a cidade.

Monique Braxton levanta-se atrás de uma secretária com tampo de mármore, e fico tão surpreendida que me fogem os nervos. É engraçado como a Internet distorce as coisas. Ela é pequenina, não chega a anã, mas é uma cabeça mais baixa do que o normal. Ao ver as suas fotos online, achei-a alta, uma mulherça, mas agora, é como se a tivessem lavado e ela tivesse encolhido. Tem quinze centímetros a menos que eu e apenas mais trinta do que Molly.

Apesar deste tamanho diminuto, é atraente — cabelo castanho cortado precisamente à altura do queixo, olhos amendoados, pele esticada e lisa sobre maçãs do rosto altas, e um corpo de aeróbica, magro em toda a parte exceto a ligeira pancinha.

— Sra. Martin, muito gosto em conhecê-la. — Estende-me uma mão com manicura francesa. — Molly, que bom ver-te outra vez.

— Faye — corrijo.

E Molly pergunta:

— Ainda me *qué a dançá* no anúncio?

— Mina de ouro — murmura Monique Braxton e os olhos abarcam Molly, bebem o quanto ela é adorável. Depois sorri amplamente, mostra coroas perfeitas, e responde: — Com certeza, mas agora não te importas de tirar umas fotografias? — Ela olha para mim. — Com o seu consentimento, obviamente. Apenas grandes planos.

Anuo com a cabeça e, como se estivesse combinado, a porta abre-se e entra um homem espampanante. Um metro e oitenta, barba por fazer, corpo escultural, mão esquerda sem aliança.

— A menina Molly e a mãe da menina Molly, não é? — pergunta ele com bastante afetação, confirmando o facto de que todos os homens espampanantes depois dos trinta são casados ou *gays*.

Quando Molly e o fotógrafo saem, eu e Monique Braxton vamos ao que importa. Não é nenhuma negociação, nem sequer me pergunta se queremos fazer isto. Depreende-se, pelo simples facto de estarmos aqui, que alinhámos nisto. Parece-me que sim. Agora que está realmente a acontecer, é empolgante.

Depois de explicar o seu papel de agente e que recebe dez por cento do que Molly ganhar, declara:

— A Gap quer a Molly. É nacional e tem potencial para render uma loucura. Vão oferecer cinco, mas nós pedimos dez.

— Desculpe — digo, a interromper. — Dez quê?

— Dez mil pela filmagem. É escalão superior para uma não-celebridade, mas vou dizer que a Molly vale a pena por causa do vídeo. Eles nem pestanejam. Até ficam aliviados por não exigir mais. Podia, mas é melhor ser simpática. Deve prolongar-se até mais de cinquenta ao longo do ano...

Ela continua a falar, mas já não ouço nada. *Mais de cinquenta, cinquenta mil dólares ou mais por um anúncio? Um único anúncio?*

É muito gelado de chocolate. O coração e o cérebro batem-me ao mesmo ritmo conforme tento calcular o que esse tipo de dinheiro poderia fazer pela nossa família. A terapia para Tom aparece logo à frente. Pagar a enorme dívida que temos. Mandar a carrinha à reparação.

— A senhora é casada? — pergunta Monique Braxton, a acabar-me com o devaneio.

— Hã?

— É casada? Tem marido?

É uma pergunta simples.

Anuo com a cabeça, numa resposta simples. Ela sorri com ar aprovador e eu retribuo, a resposta e o meu semblante a sugerirem

uma parceria amorosa de estabilidade e parentalidade, a conjurarem cercas brancas, churrascos em família, fins de semana com idas ao jardim zoológico.

— Há quanto tempo?

— Onze... quer dizer, há 12 anos.

Ela anui com um meneio de cabeça, bem impressionada, e eu pergunto-me quantas vezes terá dado o nó. Não há mostras de família — não tem aliança, retrato na secretária, caneca de barro tosco a proclamar a Maior Mãe do Mundo. A secretária está atulhada de papéis, envelopes, um portátil, um copo do Starbucks com marcas de batom.

— Ele estará envolvido? — pergunta.

— Quem?

A cabeça dela inclina-se ligeiramente para um lado, e as sobrancelhas finamente depiladas franzem-se.

— O seu marido.

— Não. Só eu. — Resumo certo dos 12 anos da minha união com Sean.

— Está muito bem. Melhor assim. As coisas complicam-se com muitas mãos a querer mexer.

As palavras dela são acutilantes e concisas como o resto da sua pessoa. A roupa, o cabelo, o gabinete — tudo frontal e limpinho. Monique Braxton é uma mulher com as rédeas da sua vida, o tipo de mulher que eu gostaria de ser, mas sei que nunca serei. Como um cão com inveja de uma raposa, posso tentar, mas no fim de contas, apenas uma de nós servirá para os pumas jantarem, e o mais certo é não ser a raposa.

Na parede atrás de Monique estão os seus direitos à fama, mais de uma centena de fotografias a preto e branco, com vinte por vinte cinco centímetros, das crianças que ela tem descoberto e transformado em nomes sonantes, todas e mais algumas, desde a banda de sucesso Colorwand a Lloyd Stevens, o ator que faz o amoroso Axel na série *The Hamptons*.

O meu olhar demora-se num retrato no canto inferior esquerdo, um rapaz de camisa às riscas, a franja escura a chegar às sobrancelhas

arqueadas e aos olhos coruscantes. Olho para os lábios, a lembrar-me das fantasias que tinha de os beijar, aos 11 anos. Brian Raffo, a minha primeira paixão. Fazia de Mike Sloan no filme *The Inside Job* — um miúdo rijo e sabido que pagou um dólar a um advogado para o defender da polícia que tentava intimidá-lo para ele testemunhar contra a máfia.

Durante anos, tive a mesma foto colada do lado de dentro da porta do roupeiro, até ao dia em que Brian foi preso por posse de droga. Quando ouvi a notícia, tirei a foto e deitei-a fora. Fiquei fura, como se fosse uma ofensa pessoal. De certa forma, até era, quatro anos é muito tempo para amar alguém quando só se tem 15 anos.

— Tenho saudades dele — diz Monique Braxton, a ver para onde estou a olhar, a imagem de Brian imortalizado aos 11 anos. — Foi um dos meus primeiros clientes.

A voz sai-lhe embargada de emoção e, de repente, lembro-me que ele já morreu. Há muito tempo. Não me lembro há quanto, mas o suficiente para ter sabido no jornal e não pela Internet. Lembro-me de duas fotografias por baixo das letras garrafais, uma, dele no filme e a outra, mais recente, em adulto.

Monique Braxton endireita os ombros para recompor o verniz impecável, mas não se safa assim muito bem, tem os olhos algo vítreos agora, e eu sei que tinha razão; Monique Braxton não tem filhos seus. Atrás dela estão os seus filhos, uma centena deles, e ela gosta deles como qualquer mãe.

Torno a olhar para a imagem de Brian e percebo, com um arrepio, que os meus gostos não mudaram muito de miúda para jovem mulher. Sean parece-se muito com Brian, os mesmos olhos intensos e sorriso sabido. Acabou por ser uma desilusão também, e ocorre-me que estarei predestinada a sentir-me atraída por falhados espampantes de falinhas-mansas que só sabem mentir.

Qual será o preço da fama?

A luta de uma mãe que tudo fará para que não corrompam os seus filhos.



Abandonada pelo marido, Faye vive momentos de desespero enquanto tenta criar os três filhos, sozinha e sem nenhuma fonte de rendimento. Até que, um dia, a sorte lhe bate à porta. A filha Molly, de 4 anos, torna-se um sucesso na Internet e é-lhe feita uma proposta milionária para entrar numa série de televisão. Inocentemente, Faye aceita a bênção caída do céu.

A série é um sucesso e, de repente, Faye e a família são atiradas para a ribalta, sob o escrutínio de milhões de espetadores. E agora que a filha mais nova é uma estrela da televisão, Faye é obrigada a enfrentar o preço da fama. Para lá dos sorrisos enganadores de Hollywood, esconde-se todo um manto de interesses, vícios e assédio sexual que deixaria qualquer mãe atemorizada. E, para horror de Faye, os seus filhos pertencem agora a esse mundo.

Seguindo o seu instinto, ela tenta proteger a família das atenções negativas, mas os seus esforços caem por terra quando o marido regressa, exigindo o dinheiro que acha que é seu por direito.

**À medida que os problemas surgem,
Faye pergunta-se: Terá ela tomado as decisões
certas para salvar a sua família?**

Da mesma autora, leia também
um livro intenso e repleto
de suspense sobre uma família
aparentemente perfeita:



TOPSELLER

os livros em primeiro lugar

20/20 editora

ISBN 978-989-8800-93-0



9 789898 880093 0

Literatura Traduzida